TUDO O QUE VOCÊ PRECISOU DESAPRENDER PARA VIRAR UM IDIOTA

METEORO BRASIL

Planeta

Copyright © Meteoro Brasil, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.

Preparação: Diego Franco Gonçales
Revisão: Vanessa Almeida e Project Nine Editorial
Projeto gráfico e diagramação: Project Nine Editorial
Capa: Ricardo Correia - Caule Criativo
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Meteoro Brasil
Tudo o que você desaprendeu para virar um idiota / Meteoro Brasil. -
- São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
288 p.

ISBN: 978-85-422-1794-0

1. Não ficção 2. Filosofia - Miscelânea 3. Ideologia - Miscelânea 4. Política e governo - Miscelânea I. Título

19-2047 CDD 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Não ficção - Filosofia - Miscelânea

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
EDI TORA PLA NETA DO BRA SIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002.
www.planetadelivros.com.br

CAPÍTULO 24

PAULO FREIRE NÃO DOUTRINOU NINGUÉM

FICÇÃO

Paulo Freire é culpado pelos péssimos resultados da educação brasileira.

REALIDADE

O Brasil é culpado por nunca ter levado Paulo Freire suficientemente a sério.

Se você nega o valor de uma obra que não conhece só porque foi ensinado a ver no autor dessa obra um doutrinador sem escrúpulos, sentimos muito: esse é um sinal de que você já foi doutrinado – não há jeito fácil, brando ou carinhoso de dizer, mas é necessário que se diga mesmo assim.

Uma doutrinação eficiente tem como objetivo limitar as interações intelectuais de uma pessoa, evitando que ela faça contato com diferentes saberes e, assim, absorva tudo de uma única pretensa fonte de conhecimento. Essa fonte, claro, se beneficiará da lealdade cega conquistada por meio da doutrinação. Paulo Freire, ao nos conscientizar da importância da liberdade do aluno, se contrapõe de maneira frontal a esse processo. O desvio ideológico necessário para acreditar que sua obra é usada para doutrinar alunos do país todo é certamente impressionante.

Quando dizemos que santo de casa não faz milagre, estamos possivelmente referenciando a Bíblia. É no livro de Marcos que Cristo pergunta: “É somente em sua própria terra, junto aos seus parentes e em sua própria casa, que um profeta não é devidamente honrado?”. É inevitável perceber a semelhança entre o questionamento retórico de Jesus e o provérbio que usamos hoje.

A biografia de Paulo Freire radicaliza o provérbio: o santo de casa, além de ter sido proibido de operar seus milagres na terra natal, é também convertido em demônio. Dispensando tal tratamento a seu maior educador, o Brasil certamente produziu mais danos contra si mesmo do que contra ele, sua obra e seus milagres.

Ouvimos falar de Paulo Freire pela primeira vez em 1963. Naquele ano, ele se dedicou a um experimento que chamou de “40 horas de Angicos”. Angicos é uma pequena cidade, hoje com pouco mais de 10 mil habitantes, localizada na região central do Rio Grande do Norte. Quarenta horas era o prazo que Paulo Freire se concederia para alfabetizar 300 pessoas. A meta ambiciosa foi atingida.

O sucesso dessa primeira experiência pode ser atribuído, sem nenhum risco de cair na pieguice, ao poder de empatia do educador. Tradicionalmente, seguindo a lógica, o processo de alfabetização recorre a frases de estrutura semântica, sintática e fonética muito simples, como “vovô viu a uva”, “o avião voa” e “pipoca pula na panela”. Freire dispensou a simplicidade inerente a todas elas e preferiu se concentrar no cotidiano de seus alunos, a maioria deles adultos e trabalhadores braçais. Para eles, o alfabeto e tudo aquilo que se pode construir com ele se relevaria com mais facilidade a partir de palavras e conceitos que fizessem parte de seu cotidiano: o agricultor aprenderia a grafar “cana”, “enxada”, “terra” e “colheita”; o servente de pedreiro deveria se virar com as letras de “tijolo”, “cimento”, “madeira” ou “viga”. Freire chamou esses termos, cuidadosamente escolhidos

dentro da realidade de cada aluno, de *palavras geradoras*. Na medida em que o aluno decodificava os fonemas de cada uma das palavras geradoras, ele poderia usar esses mesmos fonemas para construir novas palavras e ampliar seu repertório.

Em Angicos, já transparecia a beleza que permearia toda a obra do educador. Na concepção freireana, o professor precisaria ser um observador empático do aluno, de suas necessidades e de seu contexto. A partir desse diálogo empático, surgiram em Freire as mais variadas constatações a respeito da condição social de cada um de seus alunos e suas duras realidades. Abre-se aqui a primeira brecha para pintar o pedagogo como um mero doutrinador. Ao mesmo tempo, abre-se a oportunidade para imaginar novas e produtivas possibilidades na relação entre aluno e professor.

No experimento de Angicos, Freire, rejeitando a verticalidade nas interações entre aquele que educa e aquele que é educado (justamente o contrário da doutrinação), obteve resultados com os quais a "educação bancária" jamais poderia sonhar. "Educação bancária" foi a maneira que Freire encontrou para descrever a educação hierarquizada em que o professor apenas deposita no aluno o conhecimento, sem instruí-lo a respeito das possibilidades abertas por seu valor.

Com os resultados obtidos no Rio Grande do Norte, o método de Paulo Freire parecia ter um futuro promissor pela frente. Certamente não faltariam alunos, já que, no Brasil dos anos 1960, 39% da população era analfabeta.

O governo, liderado por João Goulart, abriu espaço para que a experiência de Angicos fosse multiplicada: professores seriam treinados no método e implantariam 20 mil núcleos de ensino estrategicamente espalhados pelo território nacional. Em 1964, vários desses núcleos já estavam funcionando. Nesse mesmo ano, os militares tomaram o poder e determinaram o fim da iniciativa, já batizada de Plano Nacional de Alfabetização. Mais de vinte

anos depois, quando a ditadura terminou, o Brasil ainda tinha 33% de analfabetos em sua população. Hoje, são 7%, e os maiores avanços foram feitos justamente durante os governos civis.

Todos os dados sugerem que o combate ao analfabetismo não era exatamente uma prioridade dos militares – mas sim o combate a Paulo Freire. Em 1964, um inquérito foi aberto contra o pedagogo, apontado como "um dos maiores responsáveis pela subversão imediata dos menos favorecidos" e também como "criptocomunista encapuçado sob a forma de alfabetizador". A experiência de Angicos foi definida como "uma extraordinária tarefa marxista de politização". O texto final do inquérito era assinado pelo tenente-coronel Hélio Ibiapina Lima que, em 2011, seria acusado pelo relatório da Comissão Nacional da Verdade por violar direitos humanos e cometer crimes durante o regime militar.

Perseguido, Freire optou pelo exílio. Foram quinze anos de andanças por diferentes países, como Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça. Em todos eles, Freire continuou produzindo. No Chile, finalizou sua obra mais conhecida: *Pedagogia do oprimido*. Mais tarde, embasaria o campo da Pedagogia Crítica, uma filosofia educacional destinada a ajudar estudantes a desenvolverem consciência de liberdade e a reconhecer tendências autoritárias. No exterior, Freire recebeu o reconhecimento que o Brasil não soube lhe oferecer: 48 títulos de doutor *honoris causa* e uma indicação ao Nobel da Paz. É o intelectual brasileiro mais citado em artigos acadêmicos e obras em todo o mundo.

Para algumas pessoas, no entanto, nada disso torna Freire digno do título de Patrono da Educação Brasileira, honra concedida postumamente, em 2012. Na ocasião, o método de Freire foi acusado de não ter reduzido o analfabetismo em lugar nenhum, nem no Brasil, o mesmo país que criminalizou o método e o perseguiu.

Por mais que pareça surreal, a acusação não é irracional. Há aí uma ficção engenhosamente estruturada: primeiro, Paulo Freire é vendido como um doutrinador com ampla atuação na educação do país desde sempre. Depois, é apontado como o responsável pelo fracasso do Brasil em combater o analfabetismo, isso justamente no período em que era perseguido. Assim, nossa atenção é desviada do pouco-caso que os militares fizeram do grave problema do analfabetismo, protegendo aquela fabulação do passado da ditadura militar na qual o Brasil distópico do século XXI frequentemente busca inspiração.

O golpe de mestre está sendo desferido agora mesmo: quando o maior educador brasileiro passa a ser visto como doutrinador sem escrúpulos, cria-se ampla margem para sustentar a ideia de que o Brasil tem uma educação construída à imagem e semelhança do Paulo Freire ficcional: doutrinadora, inescrupulosa e, portanto, passível de ser saneada e reestruturada. Devemos nos perguntar o que há na educação para a liberdade e pensamento crítico que incomoda tanto a política vigente: a quem interessa que a população mais necessitada não saiba ler e escrever? E a que serve uma massa de estudantes que não pensem em formas de educação empáticas e transformadoras? E o mais importante: quem são os verdadeiros doutrinadores? São aqueles que enaltecem as nossas liberdades e autonomias, ou aqueles que sugerem banir autores dos quais discordam?

PARA LER

Educação como prática de liberdade (Paulo Freire, 1967)

Há muitas portas de entrada para a obra de Paulo Freire. *Educação como prática de liberdade*, seu texto de estreia, escrito durante o exílio no Chile, certamente é uma delas – e também o livro no qual este capítulo se apoia em grande parte. Aqui, encontramos não apenas as considerações de Freire sobre a alfabetização de adultos, mas também informações sobre sua biografia e suas motivações para fazer o que fez e viver como viveu. É nesta obra que somos confrontados com a dura realidade de que alguns existem mais do que outros. Existir, para Paulo Freire, é mais do que estar: é decidir, participar, interagir com o mundo. Também é aqui que Paulo Freire nos apresenta seu conceito de "homem simples", que, talvez o leitor saiba, é muito caro a um dos autores deste livro. O homem simples descrito nesta obra é alguém "convertido em espectador" e "dirigido pelo poder dos mitos"; uma condição muito pouco favorável da qual é desejável escapar. Felizmente, a rota de fuga fica clara já no título: é a educação que nos equipa para existir de maneira plena, superando aquela condição reservada ao homem simples e

permitindo que ele pratique a liberdade que se confunde com o próprio direito de existir.

PARA VER

Paulo Freire contemporâneo (Moacir Gadotti, 2006)

O documentário de 2007, realizado para a TV Escola, retoma a primeira experiência de Paulo Freire na alfabetização de adultos. O trabalho resgata em materiais de arquivo depoimentos do próprio Paulo Freire e também registra testemunhos das pessoas que viveram a experiência de Angicos. No mesmo filme, conhecemos exemplos mais atuais de como o conjunto de métodos pedagógicos vem sendo aplicado. O destaque aqui é para a variedade de exemplos que denotam a versatilidade da obra de Freire: vemos que o autor é útil tanto a uma catadora de lixo sendo tardiamente alfabetizada quanto a estudantes de um curso de enfermagem

que buscavam uma forma mais próxima de lidar com os pacientes.

PARA JOGAR

Super Mario World (Nintendo, 1990)

Todo jogo precisa ensinar seu jogador a interagir com ele. A julgar pela presença massiva de longos tutoriais nas obras mais recentes, a pedagogia poderia ter uma influência muito positiva no desenvolvimento de jogos. *Super Mario World*, de 1991, como muitos de seus contemporâneos, não tinha um tutorial. Aqui, o aprendizado sobre o jogo ocorre de maneira organizada dentro do próprio jogo. As fases de *Super Mario World* estão espalhadas em um grande mapa: esse mapa organiza os desafios em categorias diferentes, mas não impõe uma ordem para quem os enfrenta, preservando uma certa autonomia para que o jogador domine os fundamentos do jogo da maneira que lhe

parecer mais apropriada. Organizado desta forma, o jogo recompensa a curiosidade dos jogadores: quem explorar as diferentes fases, buscando seus caminhos alternativos, encontrará uma rota até o final que exigirá menos da habilidade técnica. Mora neste jogo um exemplo sólido de como a criatividade, utilizada de maneira livre e autônoma, pode ser útil a qualquer tipo de aprendizado na medida em que permite a busca de soluções alternativas e que demandem menos recursos. Os princípios colocados em *Super Mario World* se relacionam com *Pedagogia da autonomia*, a última obra que Paulo Freire publicou em vida. Nós até fizemos um vídeo explorando de maneira autônoma e criativa essa relação entre a pedagogia e o jogo. Você pode ver, mas só se você quiser.